

## O PROCESSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA - RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID

**Coordenadora:** Edicléa Mascarenhas Fernandes<sup>1</sup>

**Supervisoras:** Leila da Silva Azevedo dos Reis<sup>2</sup>

**Estudantes:** Alessandra Machado da Cunha<sup>3</sup>

Ariane Ribeiro de Carvalho<sup>4</sup>

Ana Júlia Ribeiro Campos Maio<sup>5</sup>

Cristiane Macedo Monteiro Braga<sup>6</sup>

Milena Lopes Costa<sup>7</sup>

Leticia da Silva Faria<sup>8</sup>

Luiza Ferreira Pontes<sup>9</sup>

Roberto Perret<sup>10</sup>

### RESUMO

O presente artigo abordou sobre o contexto educacional durante o período de pandemia, bem como o trabalho realizado com os alunos atendidos pela sala de recursos da Escola Municipal Maximiano Ribeiro da Silva – CIEP 071 da rede pública do município de Nova Iguaçu, em meio ao cenário da pandemia da COVID-19, discutindo o processo de educação em situação de isolamento social. Nesse cenário buscou-se aqui compreender como ocorreu o processo de ensino aprendizagem de alunos com deficiências através do ensino remoto. Iniciamos em 2020 uma parceria com o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) através do CAPES, o objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. O PIBID é desenvolvido na E.M Municipal Maximiano Ribeiro Silva – CIEP 071 nossa pesquisa acontece principalmente na sala de recursos multifuncionais, com os alunos com deficiência atendidos pelo AEE na observação e acompanhamento dos mesmos alunos nas salas regulares onde estão incluídos. Temos um total de 37 alunos com deficiências diversas e nos dividimos entre 4 professores que atuam nesse atendimento, sendo três AEE e uma especialista sistema Braille Contamos com 8 bolsistas do PIBID que devido à pandemia, acompanham o desenvolvimento dos alunos nas atividades propostas (de forma assíncrona) pelas postagens que realizamos através do grupo no Facebook oficial do CIEP. Semanalmente ocorrem reuniões às quintas-feiras na plataforma do Google Meet com duração em média de 2 horas. Onde se reúnem a nossa coordenadora do PIBID, professora Edicléa Mascarenhas e os alunos bolsistas para estudos, debates e troca de conhecimentos. Ancoramos nossa pesquisa nos livros, artigos e reflexões dos autores: Emília Ferreiro, Edicléa Mascarenhas, Rosita Edler Carvalho, Vera Lucia Messias Fialho Capellini e Edgar Morin.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pibid, Pandemia, Educação especial

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá. Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade America Ltda e Educação Especial e Inclusiva pela AVM Faculdades Integradas. Atualmente é professora Atendimento Educacional e Especializado na Prefeitura da cidade de Nova Iguaçu <http://lattes.cnpq.br/4769008821320295>

<sup>2</sup> Doutora em Ciências pela FIOCRUZ, Mestre em Educação pela UERJ, Psicóloga pela UFRJ e Pedagoga pela UNIGRANRIO <http://lattes.cnpq.br/3478905908990737>

<sup>3</sup> <http://lattes.cnpq.br/8779057151605218>

<sup>4</sup> <http://lattes.cnpq.br/6810388178210379>

<sup>5</sup> <http://lattes.cnpq.br/7297285842707321>

<sup>6</sup> não tem currículo lattes

<sup>7</sup> <http://lattes.cnpq.br/6810971178161835>

<sup>8</sup> <http://lattes.cnpq.br/0031183634636750>

<sup>9</sup> não tem currículo lattes

<sup>10</sup> não tem currículo lattes

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade relatar sobre a experiência do trabalho da sala de recursos e do professor AEE no contexto de educação remota. Além da parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a supervisão e orientação da Dra. Edicléa Macarenhas. A proposta da parceria seria levar aos alunos bolsistas a vivência inclusão na sala regular e no atendimento AEE do Ciep 071. Destacar de que forma os alunos com deficiências foram impactados com esse novo modelo de educação. Como se deu alfabetização e letramento dos alunos em distanciamento social, bem como a parceria com as famílias nesse contexto.

Nosso trabalho como professor do AEE é atender todos os alunos com deficiências, transtorno do espectro autista; deficiência física; deficiência múltipla; deficiência intelectual são todos público alvo do atendimento educacional especializado.

Conforme disposto no Decreto N° 6.571/2008, em seu art, 1º § 1º, “Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular.

Trabalhamos viabilizando recursos pedagógicos e adaptações para o acesso dos alunos a comunicação alternativa, tecnologia assistiva, sistema Braille de escrita e leitura e demais adaptações curriculares. Adequamos e produzimos materiais didáticos e pedagógicos, tendo em vista as necessidades específicas dos alunos e damos suporte pedagógico aos professores da sala regular para condução do trabalho pedagógico com os alunos. Além de orientar familiares e responsáveis mantendo uma parceria entre família e escola com base na análise das atividades pedagógicas não presenciais no contexto de pandemia.

## NOSSOS OBJETIVOS

Diante da situação de pandemia instalada no país, nosso objetivo era manter contato e a comunicação com os alunos e suas famílias possibilitando dar apoio emocional bem como continuidade ao desenvolvimento educacional, fornecendo meios que oportunizassem novas formas de saberes e de reinventar a educação em um contexto tão adverso. Tínhamos como finalidade, mesmo sem o contato físico, continuar levando os conteúdos educacionais aos alunos, manter o vínculo entre escola, alunos e família, vencer a barreira da tecnologia e analisar as atividades pedagógicas não presenciais e as suas implicações para o atendimento educacional especializado na educação inclusiva.

Nossa escola estava vivendo e aprendendo a se reinventar diariamente. Não poderíamos parar, a educação tinha que continuar com uma nova metodologia para podermos alcançar nossos alunos. Essa experiência nos mostrou a força dos profissionais da educação em estreitar laços com alunos e seus familiares evidenciando a importância da instituição escolar na transformação da sociedade.

Diante aos acontecimentos referentes à COVID-19 que nos chegaram tão abruptamente, ficamos inicialmente perplexos, parecia um tanto irreal fechar as portas das escolas e ficar distantes dos nossos alunos. Julgamos leigamente que seria um curto período até as coisas se acalmarem e retornarmos às nossas atividades diárias. Mas estávamos enganados, a avalanche de notícias e casos de doenças e mortes nos atemorizou, tudo foi fechando, não podíamos sair de casa, hospitais lotados, o caos estava instalado de uma hora para outra em nossas vidas.

Portanto, no dia 21 de março de 2020, foi publicado o Decreto nº 47282 que determina a adoção de medidas adicionais do município para enfrentamento da pandemia. Na redação, coube a Secretaria Municipal de Educação executar medidas tais como: a) fechamento das escolas municipais até o dia 27 de março; b) disponibilização de aplicativo, para celular, de mecanismo de aprendizagem – Aplicativo SME Carioca 2020, e de computadores, através do endereço eletrônico <https://app.vc/smecarioca2020>; c) disponibilização de conteúdo específicos para a plataforma de aulas digitais da Microsoft Teams e a preparação de materiais impressos para fornecimento aos alunos da rede municipal, para realização de tarefas em domicílio; d) disponibilização de acesso das plataformas de matemática, pelos sistemas MATIFIC e ALFA E BETO; f) disponibilidade de Material de Complementação Escolar no sítio eletrônico [multi.rio/mce](http://multi.rio/mce), com disponibilização de recursos de apoio pedagógico ligados aos conteúdos curriculares dos segmentos de Escolaridade da Educação Básica;

E nossos alunos? Principalmente os com deficiências e suas famílias? Tudo parou, a escola, as terapias, os atendimentos médicos, aulas de música, natação e tantas outras atividades que preenchem o dia desses alunos com uma melhor qualidade de vida. Tínhamos que fazer alguma coisa e orientados por nossa equipe de Educação, fomos motivados a criar e viabilizar meios de acessar nossos alunos.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi de caráter qualitativo, com ênfase na observação e avaliação referentes aos processos de interação com as famílias e validação de atividades e métodos propostos, ao mesmo tempo em que seria necessário o cruzamento dos dados e levantamentos da pesquisa para traçar um padrão exitoso que pudesse ser trabalhado e aplicado junto aos alunos no período de distanciamento social. Sendo assim, buscamos relatar a importância da construção dos conceitos permitindo uma liberdade na análise viabilizando assumir várias propostas de trabalho no decorrer do percurso, não sendo obrigatória uma resposta única a respeito do objeto. Ancoramos nossas ideias na leitura do livro “reflexões sobre alfabetização” de Emília Ferreiro onde foi deslocado a investigação do “como se ensina” para o “como se aprende”. Morin (2011) afirma que é preciso reconhecer que cada aluno aprende de uma forma, e com um ritmo próprio. Segundo Rosita Edler Carvalho “a inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função coloca-se a disposição do aluno”.

Esta pesquisa apresentou um estudo de caso realizado na Escola Municipal Maximiano Ribeiro da Silva (CIEP 071) localizada na Rua Itararé, 90 - Jardim Iguaçu em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro, na qual sou professora AEE na sala de recursos multifuncionais como a finalidade analisar as atividades

pedagógicas não presenciais e as consequências para o atendimento educacional especializado na perspectiva da educação inclusiva.

Em meados de outubro de 2020 iniciamos a parceria com o PIBID sob a coordenação da professora Dra. Edicléa Mascarenhas e os alunos bolsistas. A proposta seria um acampamento presencial, mas devido a pandemia tivemos que nos organizarmos da melhor forma possível no virtual. A princípio não foi nada fácil, mas fomos nos acostumando com esse novo modelo. Criamos maneiras de viabilizar essa vivência, que inicialmente parecia um desafio enorme. Gradativamente inserimos os alunos na rotina remota da escola, tiveram acesso às reuniões pedagógicas virtuais, ao facebook do CIEP para acompanhar as atividades postadas pelos professores e o retorno dos alunos. Tivemos encontros virtuais com algumas famílias dos alunos que aceitaram partilhar suas experiências no modelo remoto, nesses momentos foi possível observar as especificidades de cada aluno, a maneira como cada um interage com o processo de conhecimento, destacando potencialidades e dificuldades.

## **ESTRATÉGIAS EMPREGADAS**

Partindo dos conceitos apresentados, o primeiro passo foi criar um canal de contato que fosse de fácil acesso e economicamente viável a todos, sendo assim, escolhemos o Whatsapp e o facebook. A princípio fizemos contato individualmente com os alunos e informamos da criação do grupo para as atividades pedagógicas e a manutenção do vínculo dos alunos com a escola.

Em um segundo momento pensamos como manteríamos esses contatos ativos e como comentaremos o interesse pela participação dos alunos e familiares nessas atividades. Criamos parcerias de trabalho com outros professores, encontros virtuais com as famílias, sorteios e gincanas, premiamos simbolicamente as participações dos alunos e familiares. Fizemos festas temáticas online, aniversários e até show de talentos com os alunos. Fizemos uma agenda de trabalho dois dias na semana enviaremos atividades pedagógicas, nos outros dias seriam divididos em sugestões de jogos educativos, vídeos e informações relevantes para os alunos e suas famílias.

Criamos também um canal de escuta e suporte para famílias que estavam passando por perdas familiares e/ou em dificuldades financeiras.

A atividade não presencial por mídia digital requer uma estrutura bem mais complexa que a presencial, pois necessita que cada família disponha de computador com acesso à internet ou um celular com disponibilidade de dados móveis para acessar a plataforma, link, vídeo aula e ou orientações escolares (MASCARENHAS, FRANCO, 2020, p. 5).

Todavia, alguns alunos apesar de nossos constantes esforços ainda não tínhamos conseguido fazer contato para promover o acesso à educação remota e outros ainda que adicionados aos grupos de Whatsapp não davam retorno. Sendo assim, em parceria com a professora Shirley de Braille pensamos de que forma iríamos conseguir chegar a esses alunos e incluí-los. Pensamos, criamos e patrocinamos kits com uma apostila de atividades adaptadas e materiais escolares com lápis, borrachas, colas, lápis de cera, apontador, tinta guache, massinha entre outros. Marcamos um ponto de encontro e distribuimos o material aos responsáveis, tudo com muita segurança e respeitando as normas de higiene e prevenção do COVID-19, fizemos duas entregas de materiais e apostilas com conteúdo pedagógico.

Mediante ao exposto, observamos naquela ocasião a satisfação dos responsáveis ao receberem esse material feito com muito carinho pelos nossos alunos. O retorno foi surpreendente na mesma semana, alunos que antes não participavam, justamente pelas dificuldades de acesso, seja por falta de internet, por não ter um computador ou um aparelho de celular compatível ou mesmo um pacote de dados que possa baixar conteúdo e arquivos ou participar de encontros virtuais. Agora tendo a disposição apostilas e os materiais básicos que vieram no kit, começaram a realizar as atividades e enviar fotos das tarefas quando conseguem ter acesso a internet. Regularmente mantemos contato pelo telefone ou via WhatsApp, falamos da rotina dos alunos, esclarecemos dúvidas e consolidamos nosso vínculo mesmo no distanciamento social.

Para consolidação desse paradigma, entretanto, é preciso reconhecer que cada aluno aprende de uma forma, e com um ritmo próprio (MORIN, 2011). Isso significa dar oportunidades para todos aprenderem os mesmos conteúdos, fazendo as adequações necessárias do currículo. O êxito da inclusão escolar depende, dentre outros fatores, da eficiência no atendimento à diversidade da população estudantil (CARVALHO, 2004).

## **AÇÕES DESENVOLVIDAS**

Fizemos chamadas de vídeos, encontros, brincadeiras e festas virtuais. Usamos aplicativos como nunca e a tecnologia passou de vilã para nossa aliada. O que faríamos durante todo esse tempo se não fosse por conta da tecnologia? Computadores e celulares que antes competiam com o professor na sala de aula se transformaram em grandes recursos pedagógicos para educação, diminuindo o distanciamento social e viabilizando acesso aos conteúdos. Os pais e responsáveis passaram a ser nossos grandes parceiros na educação e no processo de interação com nossos alunos. Certamente que se esses pais e familiares não tivessem acreditado em nosso trabalho nada do que ocorreu teria sido possível. Era tudo novo e imagina para muitos responsáveis que se tornaram repentinamente professores dos filhos em tempo integral e na maioria das vezes sem o conhecimento necessário. Observando as dificuldades eminentes nesses primeiros momentos investimos em atividades bem lúdicas e intuitivas com foco em habilidades de vida diária, coordenação motora, atenção e concentração. Iniciamos fazendo alguns vídeos ensinando as atividades, depois fomos diversificando com fotos e sugestões criativas pesquisadas na internet. Utilizamos muitos materiais reciclados que poderiam ser encontrados facilmente no ambiente da casa. Fizemos quadros de rotina para organizar os alunos no tempo e no espaço já que os dias em casa se prolongavam a cada momento. Dividimos dias e horários para envio de atividades e retorno dos pais e responsáveis. Observamos que nossos laços começaram a se estreitar e o ambiente virtual ia ficando menos desafiador para as famílias. Começamos a falar de diversos assuntos, auxiliar e orientar possíveis dificuldades que poderiam surgir, dúvidas sobre o auxílio do governo, entrega de cestas e cartões de alimentos realizados pela prefeitura. Alunos que ficaram doentes e seus familiares que estavam hospitalizados, conseguimos ajudar aqueles que tiveram dificuldades financeiras ou mesmo que não conseguiam ter acesso aos remédios para o tratamento de seus filhos, nossas relações foi ficando cada vez mais amistosa e bem próximas das famílias, mas mesmo assim haviam aqueles que se mantinham mais reservados e com poucos retornos.

Em relação às atividades propostas, fomos aos poucos conhecendo e identificando qual a melhor forma de atuar com nossos alunos e familiares no ambiente virtual. Percebemos que como na sala de aula presencial, era necessário individualizar atividades para determinados alunos conforme suas especificidades. E assim fizemos, dividimos as atividades por grau de complexibilidade e explicamos para os pais e responsáveis a real necessidade desse processo para o progresso do aluno.

A parceria colaborativa com familiares tem como principal benefício tornar a família peça chave na busca por uma educação de qualidade. Desta forma, a família deixa de ser um problema e passa a ser parte da solução para muitos desafios enfrentados no processo de inclusão escolar. Outros benefícios podem ser elencados, tais como, aprendizado de novas e mais eficazes estratégias para disciplinar os filhos; compreensão das intervenções desenvolvidas no ambiente escolar e diminuição das tensões que envolvem a criação e educação dos filhos (KAMPWIRTH, 2003).

Como já dissemos anteriormente, iniciamos com vídeos que foram produzidos por nós professores, muitos ainda cheios de timidez e bem robóticos, falo isso fazendo referência a minha pessoa. Pois levei um tempo para me acostumar e realizar as atividades de forma mais natural e criativa. Depois comecei a pesquisar na internet e me inteirar de vários programas e aplicativos que facilitam a criação, elaboração e adaptação de atividades. Descobrimos que quanto mais criativo, objetivo e compacto tornavam-se mais fácil a interação das famílias e dos alunos com os conteúdos enviados.

Durante esse período e com o avanço dos nossos trabalhos, ouvi um questionamento de alguns responsáveis que me inquiriram sobre o envio de atividades mais tradicionais, saindo daquele formato intuitivo e lúdico que estávamos focando. Então realizei uma enquete no grupo e para minha surpresa a maioria queria atividades mais formais direcionadas para alfabetização, escrita do nome, números, as quatro operações entre outros. Ouvindo essas sugestões, avaliei a possibilidade de atendê-los sem prejuízo no processo de aprendizagem.

Continuei trabalhando atividades lúdicas e intuitivas, mas com um viés mais direcionado nas propostas que foram elencadas pelos pais. Produzimos vídeos explicando o conceito dos números antecessores e sucessores com a utilização de materiais recicláveis como papelão, resto de cartolina entre outros. Atividades com a proposta da reciclagem, fomentando a imaginação, criatividade, estimulando a audição, visão o tato e coordenação motora e toda parte sensorial. Focamos também na rotina, distribuição de tarefas e as habilidades de vida diária, estimulamos a coordenação motora oral com uma ginástica respiratória realizada com um brinquedo de sopro produzido com materiais reaproveitados que encontramos com facilidade em casa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos, pesquisamos e criamos como nunca, superamos nossos desafios pessoais e nos colocamos à prova. Muitos professores não tinham grandes conhecimentos tecnológicos, sabiam somente o básico, mas isso não era suficiente, agora tudo se tornou virtual, as aulas, o contato com nossos alunos dependia desses conhecimentos. Fomos à luta e arregaçamos as mangas e aprendemos como nunca em tão pouco tempo. Viramos youtubers, blogueiras, fizemos lives, encontros e festas virtuais, tudo ao mesmo tempo.

Como diz o ditado popular “trocamos o pneu com o carro andando”. A nossa casa transformou-se em uma extensão da sala de aula, invadimos as rotinas das famílias, entramos em suas casas e elas em nossas. Foi e está sendo uma incrível e desafiadora experiência, aprendemos muito com as dificuldades que foram surgindo, ficamos com medo, nós subestimamos e em muitos momentos pensamos que não daríamos conta. Mas o senso de responsabilidade com nossos alunos e o compromisso com a educação foram maiores que os medos. O sentimento de vitória a cada etapa vencida, conhecimento novo adquirido e transmitido aos nossos alunos foram e são extremamente gratificantes e nos revitalizam para continuar seguindo e aprendendo sempre.

Vamos em frente ainda com muitas incertezas, mas cheias de esperança e expectativas em dias melhores, nada será como antes, aprendemos muito, criamos e nos capacitamos imensamente e colocaremos toda essa bagagem em prática no nosso retorno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria Municipal de Educação. Decreto nº 47282 de 21 de março de 2020.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental. 2004. 300f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARVALHO, Rosita Edgler . Dossiê da Inclusão Rio de Janeiro, vol. 3, nº 5, março de 2020., jan./abr. 2011. Disponível em: Entrevista na Base da Revista nº 5\_Dossiê Inclusão.pdf Acesso em: 09 set. 2021.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Educação Especial. Vol.2. O processo de ensino e aprendizagem de educandos com deficiência intelectual. CEDERJ, Rio de Janeiro, 2011-? [http://portal.mec.gov.br/INDEX.php?option=com\\_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/INDEX.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192) acessado em 20/12/2020.

MASCARENHAS, Aline Daiane Nunes; FRANCO, Amélia do Rosário Santoro. Reflexões Pedagógicas em tempos de Pandemia: Análise do Parecer CNE 05/2020. Revista Olhar de professor. Ponta Grossa, v. 23. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16011/209209213645>. Acesso em: 01 de out. de 2020

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.